**De uma conversa interessante!**

Escrever a mensagem do coordenador todos os meses é uma tarefa que gosto bastante. Aliás, gosto sempre de conversar sobre educação. E foi isso, mais uma vez, que fiz há pouco tempo numa entrevista para a editora da UFSC. Aproveito aqui um dos fragmentos desta conversa porque me parece que a pergunta contempla um assunto que interessa aos leitores de nossa página. Foi esta:

**O que o senhor acredita que é necessário para despertar o interesse pela ciência desde cedo nos estudantes? Que tipo de ações acredita que sejam valiosas para que os estudantes, ainda no Ensino Médio, apreciem o conhecimento científico?**

Observem! Tanto as crianças quanto os jovens são pessoas curiosas. Mas o que fazem os professores e, na maioria das vezes e em doses cavalares, os pais ou responsáveis? Quais são as propostas para as crianças e para os jovens frente às suas curiosidades? Curiosidades sobre o Planeta Terra, sobre o universo, sobre a sexualidade, sobre os desejos, sobre a vida de personalidades públicas, sobre os animais, sobre Deus, sobre a composição de uma máquina, entre outras, quais são os espaços de interlocução entre as crianças, os jovens e essas pessoas – professores e familiares? Quais os projetos de criação e invenção promovidos pela escola e validados pelas famílias? Quais os livros lidos pelos professores, pelos estudantes e pelas famílias? Quais são os repertórios culturais dessas pessoas? É muito comum as escolas promoverem “feira disso”, “feira daquilo”, “festas e eventos relacionados a datas comemorativas”. O que se faz em uma feira? O que se faz em uma festa? Com isso, quero deixar claro que esses espaços “formativos” ajudam a manter a estrutura e o funcionamento da sociedade atual, acentuadamente desigual, afeita aos espetáculos e que estimula a produção em série e ao consumo acrítico. E a ciência? E o pensamento científico? Não há ciência sem leitura de livros de natureza diversa, sem estudos sistematizados, sem experimentações, sem criação de hipóteses, interpretações e projeções de diferentes ideias; não há ciência sem literatura, sem arte, sem filosofia; não há ciência sem acúmulo de fracassos e erros. Portanto, a resposta para esta pergunta deverá ser encontrada pelo coletivo de professores – e demais profissionais da escola – e os familiares dos estudantes. Por quê? Muito simples, em relação ao corpo técnico-pedagógico, porque ouviu, observou, percebeu as crianças e os jovens na sua integralidade, porque estuda, porque deseja que o outro se desenvolva plenamente e possa contribuir para uma sociedade cujo funcionamento promova igualdades de oportunidade e de permanência. E, em relação aos familiares, porque também sabem ouvir e estabelecer uma interlocução com as crianças e os jovens, porque destinam tempo e espaços qualificados para a convivência com eles e que, por isso, exercem sua função de responsáveis por estes que são, juridicamente, concebidos como “menores incapazes” e que, portanto, não podem ser responsabilizados pelos seus atos. Nesse sentido, penso que esta resposta já foi apresentada por vários teóricos da educação e áreas afins, entre eles, destaco alguns: Paulo Freire, Milton Santos, Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro, Boaventura de Sousa Santos, Paul Feyerabend, Albert Einstein, Jacques Ellul, Celestin Freinet, Maria Montessori, John Dewey, Charles Percy Snow, Lewis Mumford, Eduardo Galeano, Neil Postman… Faço votos que alguns profissionais da educação, ao lerem estas parcas provocações, possam “olhar” para dentro da escola e de si mesmos e, por meio de uma corajosa autoanálise/autocrítica, tentar responder: “O que estamos fazendo aqui? ” E, na sequência, o que é preciso (não) mudar?

**Professor Walter Antonio Bazzo**

**Coordenador – walter.bazzo@ufsc.br**